

# Narrativa, cartografia e relatos para compreender o passado do Sacomã

Mateus Merighi Cuconato

**Orientadoras:** Profa. Dra. Flávia Brito do Nascimento (FAU-USP) e Prof. Dra. Ana Cláudia Scaglione Veiga de Castro (FAU-USP).

**Pesquisa:** Trabalho de Conclusão de Curso, FAU-USP, 2019.

Este artigo trata de um trabalho apresentado originalmente como Trabalho Final de Graduação (TFG), produzido para compreender os processos históricos de urbanização do Sacomã. Trabalhos que tratam da urbanização da cidade de São Paulo de forma regionalizada, na escala dos bairros, apresentam abordagens e características diferentes, que derivam de informações específicas, assim como mobilizam fontes históricas de natureza diversa. A formação dessa colcha de retalhos que se estende sobre toda a cidade, mais

do que um esgotamento de espaços e tempos históricos, esclarece, a partir das especificidades, alguns caminhos comuns à expansão da urbanização paulistana. Aliadas à temática da memória e das identidades, essas abordagens também ampliam a reflexão sobre novos grupos sociais, excluídos da pesquisa baseada em escalas mais distantes. O artigo em questão traz reflexões acerca de temas relevantes como história e memória, fontes documentais e cartografia, que fundamentaram a trajetória de construção do trabalho.

**Palavras-chave:** Sacomã; narrativa histórica; memória.

## Narrative, cartography and reports to understand Sacomã's past

This article presents part of the work developed in the Final Graduation Project (TFG), produced to understand the historical processes of Sacomã's urbanization. The production of studies about the urbanization of São Paulo which are regionalized on a scale of the neighborhoods presents different approaches and characteristics that derive from specific information. Moreover, these studies also expose historical sources from different origins. Although the different approaches and characteristics might have produced in exhaustion studies about places and historical times, they can serve to clarify some common paths of São Paulo's urban expansion. From the perspective of memory and identities, these studies could help to expand on the reflection of new social groups who are commonly excluded from researches based on distant scales. This article deals with the observation of relevant themes such as history and memory, documents sources and cartography. Themes that founded the trajectory of construction of work.

**Keywords:** Sacomã; historical narrative; memory.

## Narrativa, cartografía e informes para comprender el pasado de Sacomã

Este artículo es resultado de un trabajo presentado como Proyecto Final de Graduación, producido para comprender los procesos históricos de urbanización de Sacomã. Las obras que abordan la urbanización de la ciudad de São Paulo de forma regionalizada, en la escala de los barrios, presentan diferentes abordajes y características, que derivan de informaciones específicas, así como movilizan fuentes históricas de naturalezas diversas. La formación de esta colcha de retazos, que se extiende sobre toda la ciudad, más que un agotamiento de todos los espacios y tiempos históricos, aclara, a partir de las especificidades, algunos caminos comunes a la expansión de la urbanización de São Paulo. Combinados con el tema de la memoria y de las identidades, esos abordajes también amplían la reflexión sobre nuevos grupos sociales, excluidos de una investigación basada en escalas más distantes. El artículo también trae la reflexión sobre temas relevantes como la historia, la memoria, las fuentes documentales y la cartografía, puntos que han fundamentado la trayectoria de construcción del trabajo.

**Palabras clave:** Sacomã; narrativa histórica; memoria.

Este artigo é um desdobramento do Trabalho Final de Graduação intitulado "Azul Terracota: urbanização, narrativa e memória no Sacomã", que traçou duas operações<sup>1</sup> distintas para compreender o processo histórico de urbanização do Sacomã, área ao sudeste do município de São Paulo, desde a última década do século XIX. A primeira foi o desenho de uma narrativa, associada às fontes e à cartografia; a segunda, a articulação de memórias com alguns relatos de moradores e frequentadores da região.

Na primeira operação investigativa, a narrativa foi delimitada pela coleta e organização de elementos históricos da paisagem do Sacomã, assinalados em diversas fontes históricas, principalmente na cartografia. O primeiro deles, considerado no trabalho como vetor inicial de expansão significativa da urbanização naquela área, foi o Estabelecimento Cerâmico Saccoman Frères, produtora e fornecedora de materiais da construção civil para a cidade de São Paulo, fundado na última década do século XIX por imigrantes franceses. A partir deste edifício, e do que ele representa como vetor de urbanização, outros elementos se somaram à narrativa da pesquisa em um processo semelhante à colagem, estabelecendo relações entre as fontes históricas selecionadas, mas não necessariamente de forma cronológica. E sendo a cartografia uma das principais fontes do trabalho, ela também foi um produto dessa primeira operação: uma sequência de mapas confeccionados a partir da justaposição de diversos elementos históricos no Sacomã.

A segunda frente de pesquisa consolidou-se por meio da escuta de alguns relatos de pessoas que moraram, frequentaram ou trabalharam na região. Estes depoimentos reforçaram alguns marcadores sociais importantes da primeira parte do trabalho, mas também trouxeram novas perspectivas e relações sociais nas vozes desses sujeitos que vivenciam ou vivenciaram essa parte da cidade.

A realização destas duas operações foi permeada por uma reflexão sobre a atividade da pesquisa urbana histórica em si, seus termos, discussões e possibilidades. Procurou-se debruçar sobre o tema das fontes documentais — ampliando seu conceito e seus tratamentos — e da

memória, para dar fundamentação à articulação dos relatos dos entrevistados e da documentação reunida. Neste artigo são apresentados alguns pontos cruciais dessas reflexões levantadas por este duplo processo investigativo sobre o passado e sobre a cidade, a partir da trajetória de construção de cada uma das operações.

## 1. SACOMÃ

O interesse da pesquisa não coincide exatamente com o distrito do Sacomã<sup>2</sup>, nem com o atual bairro do Sacomã, localizado entre a via Anchieta e a Estrada das Lágrimas. O recorte espacial analisado corresponde aos primeiros vetores de urbanização nos arredores do Estabelecimento Cerâmico Saccoman Frères (BELLINGIERI, 2005; BERTELLI, 2009) (FIG. 1), fundado na última década do século XIX nas terras denominadas Sítio do Moinho Velho, ainda predominantemente ocupadas por proprietários de chácaras. Produtores de peças cerâmicas para construção, em especial telhas, os irmãos franceses, que deram nome à região, se inseriram ativamente no setor industrial de São Paulo em um período de expansão da cidade e modernização dos materiais construtivos (SALLA, 2014).

A primeira grande empresa destinada à produção cerâmica em São Paulo data de 1893, graças à visão empreendedora de três irmãos franceses que aqui chegaram antes mesmo de proclamada a República. [...] Antoine, Henri e Ernest Saccoman logo perceberam que a cidade lhes fornecia um mercado promissor. (BERTELLI, 2009, p.6).

A escolha da localidade para a instalação da fábrica parece ter alguma relação com o tipo de solo desta região da metrópole paulistana. Antes de chegar à região do Sítio do Moinho Velho, os Saccoman passaram por outros lugares da cidade, testando diversos tipos de argila, a matéria prima da cerâmica. Pereira (2007), ao estudar o setor industrial da cerâmica de louça, pontua as diversas fábricas do começo do século XX (FIG. 2), concentradas às margens dos rios paulistas e nas regiões oeste e sudeste da cidade. Sobre esta última, ele destaca:

Indústrias que vão desde as olarias históricas onde se produziam os tijolos para a construção da Igreja da Sé até a Cerâmica São Caetano, a maior do gênero na América Latina, além de outras fábricas de louça de mesa fundadas no período posterior ao nosso recorte cronológico, tais como a Porcelana Santa Maria (1943), Cerâmica Itabasil (1944) e Porcelana Monte Alegre (1945), entre outras. (PEREIRA, 2007, p.37).

Mais que uma opção pela alvenaria, todo o mercado da construção se reorganizava e expandia em torno das novas tecnologias da construção. Bellingieri (2004) elenca quatro fatores importantes para o desenvolvimento da indústria cerâmica em São Paulo: o crescimento populacional e aumento do mercado consumidor; a mão de obra imigrante tecnicamente qualificada; a disponibilidade de matéria prima; e a formação de capital investidor pelo café. Bellingieri assinala que apesar de interessados na indústria cerâmica de utensílios domésticos, os irmãos de Marselha foram protagonistas na expansão da produção cerâmica da cidade, firmando-se com o Estabelecimento Cerâmico Saccoman Frères e, a partir daí, instaurando novos níveis de produção em relação às antigas olarias. Nota-se nos almanaques da cidade que a diferenciação pela nomenclatura — de olaria para “indústria de cerâmica” — aparece nesse momento (BELLINGIERI, 2004).

Bastante atuantes nesse setor em crescimento, mesmo que competindo com produtores menores (LEMOS, 1989)<sup>3</sup>, os irmãos Saccoman forneceram seus produtos para obras públicas importantes na virada do século XX e movimentaram inclusive a publicidade e propaganda<sup>4</sup>. Essa atividade também possibilitou o investimento nas terras urbanas, abrindo loteamentos na região ao redor da sua fábrica. Esse processo não seria particular dos Saccoman, como nos mostra Gennari:

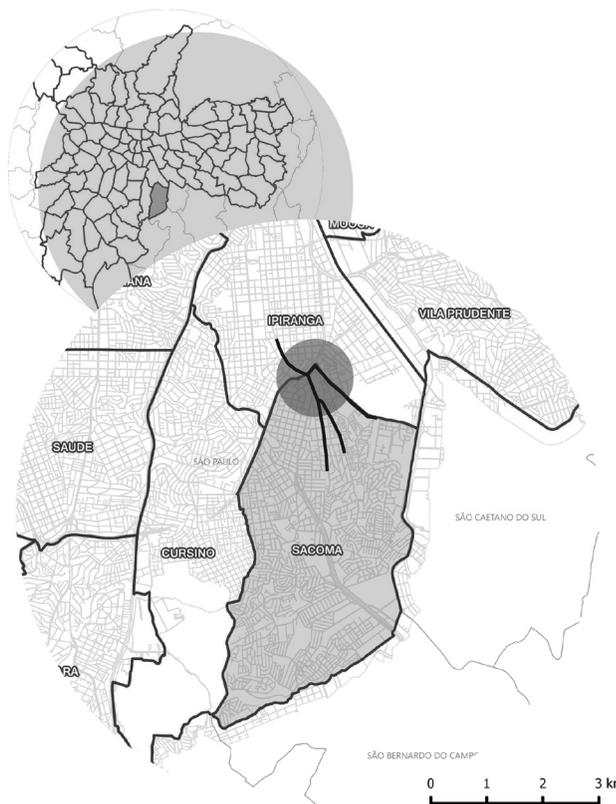
Alguns estudos apontam modos de produção do espaço que, como este próprio, indicam esses processos parciais de transformação do tecido urbano e da construção na cidade. Essas formas de produção espacial se traduziam em grandes ou pequenos loteamentos

produzidos para todas as camadas da população. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, algumas dessas atividades empreendedoras do capital privado, cuja ação se dava através dessas empresas loteadoras, foram responsáveis pela construção de diferentes padrões de áreas residenciais para atender às diferentes necessidades de uma população urbana crescente. (GENNARI, 2005, p.35-36).

É como parte dessa urbanização inicial que se nota também a chegada da infraestrutura de transportes no Sacomã, possibilitando, desde o início do século XX, seu desenvolvimento. A história da região é marcada pela instalação da linha de bondes número 20 da Companhia Light (também chamada de Linha Fábrica), que conectava o estabelecimento cerâmico dos franceses às indústrias localizadas na margem do rio Tamanduateí, cruzando o Ipiranga pela rua Silva Bueno. Esse era o principal meio de transporte dos trabalhadores das fábricas e dos moradores de pequenos bairros que surgiam ao sul da região (Vila Livieiro, Vila das Mercês, Vila Moraes, entre outros), e que levavam ao centro da cidade.

O movimento de passageiros nas primeiras quadras da rua Silva Bueno, ao redor do ponto final da Linha Fábrica, juntamente com o incentivo da Indústria Cerâmica — desde a década de 1920 comandado pelo imigrante italiano Américo Samarone —, fomentou o desenvolvimento do comércio e de outros estabelecimentos de serviços. A cartografia de 1935 mostra um conjunto de sobrados e armazéns construídos nas propriedades da nova Cerâmica Sacoman S.A (FIG. 3). Hoje, a presença de ruas nomeadas por membros da família Samarone é resultado da sua importância na urbanização e no desenvolvimento daquela região no começo do século XX.

Outra presença importante na paisagem do Sacomã, até a década de 1940, foi a lagoa resultante do represamento do córrego do Moinho Velho<sup>5</sup>, principal corpo d'água da região. Utilizada na época pela sede do Clube Atlético Ypiranga (CAY), instalada no final da rua Bom Pastor<sup>6</sup>, para a prática de esportes aquáticos. Entretanto, com o processo de remoção do CAY, em 1929, e o encerramento das



**FIG. 1:** Localização do Sacomã no município de São Paulo. A região destacada corresponde ao recorte da pesquisa, com os primeiros vetores de urbanização.  
 Fonte: CUONATO, 2019, p.29.

atividades do estabelecimento cerâmico, em 1954, a paisagem sofreu alterações e um segundo corpo d'água se formou, no local do buraco de extração de argila utilizado pela indústria. Até a década de 1980, quando foi aterrada, esta segunda lagoa figurou nos jornais de São Paulo, em manchetes trágicas sobre afogamentos.

Numa das margens da via Anchieta e bem dentro da cidade, uma lagoa está a irradiar perigo e a exibir dupla personalidade. Se durante o dia ela é bonita e tentadora, transforma-se quando o dia morre em negra e tenebrosa. De noite, repele; de dia, atrai. É a lagoa do Sacomã, cheia de lendas e superstições, a esta altura, nela já morreram 44 pessoas afogadas, entre crianças e adultos. (FOLHA DE S. PAULO, 1960, p.16).

Foi interessante perceber que, à medida que a investigação dos elementos dessa paisagem avançava, as sobreposições se tornavam mais claras, inclusive espacialmente. O terreno formado pelo local da lagoa aterrada — que, por sua

vez, é resultado da atividade extrativista da cerâmica — permaneceu vazio<sup>7</sup> até os anos 1990, em conjunto com a presença marcante do transporte público de larga escala no Sacomã.

O transporte público nunca deixou de ser um fator extremamente relevante na constituição da paisagem do Sacomã. Na segunda metade do século xx, com o crescimento da cidade e o aumento da demanda sobre os transportes coletivos, o bonde elétrico deu lugar às linhas de ônibus. Entretanto, essa substituição não afetou a importância da rua Silva Bueno como eixo de conexão entre os bairros ao sul do Sacomã e as outras regiões da cidade, mantendo sua centralidade. O comércio, que já se beneficiava com o movimento de passageiros da Linha Fábrica, continuou a se desenvolver. A demanda por mobilidade toca a escala metropolitana no final do século xx, quando aumentou a necessidade de linhas intermunicipais que fizessem a conexão dos bairros do ABC Paulista com o centro de São Paulo, passando pelo Sacomã.

Na virada do século xxi, o vazio urbano formado pelo aterramento da lagoa foi



FIG. 2:

Concentração das indústrias cerâmicas em São Paulo, entre as décadas 1910 e 1940. A área destacada ao sudeste da metrópole engloba a região onde funcionou o estabelecimento Cerâmico Sacoman Frères, de 1895 até 1954.

Fonte: PEREIRA, 2007, p.9. Editado pelo autor, 2019.

selecionado como o ponto final do trajeto do Expresso Tiradentes (originalmente chamado de "Fura Fila"), uma grande conexão entre o Sacomã, a Zona Leste e o centro da cidade. Finalizado em 2004, apesar das complicações políticas e econômicas do projeto, o Terminal de Ônibus Vereador Osvaldo Gianotti, ou Terminal Sacomã, tornou-se um novo marco na paisagem da região. A implementação desse equipamento de mobilidade em larga escala reestruturou todo o sistema de conexões que passavam pelo Sacomã. Com a realocação das linhas de ônibus para o terminal, todo o fluxo de passageiros sofreu uma brusca alteração e o comércio da rua Silva Bueno sofreu impactos significativos.

Em sua pesquisa, Fernandes (2012) traça um histórico do projeto do Expresso Tiradentes, passando por todos os entraves políticos de mudanças de gestão da prefeitura de São Paulo. Ela também aponta os impactos da instalação do terminal de ônibus para o comércio, em detrimento da reorganização e otimização das conexões por ônibus com outras regiões da metrópole, como o Terminal Parque Dom Pedro e o ABC Paulista. Fernandes

indica ainda uma situação conflituosa em entrevistas com os comerciantes. A rua, que recebia passageiros dos bondes e, posteriormente, dos ônibus que levavam a diversos cantos da metrópole, "amanheceu vazia" (FERNANDES, 2012, p.139).

É possível então afirmar que a região do Sacomã se constituiu historicamente como um nó urbano<sup>9</sup> na metrópole paulistana. Mesmo antes da presença do bonde, ela era o limite ao sudeste da cidade de São Paulo para os viajantes que iam em direção ao litoral pelo Caminho do Mar (atual rodovia Anchieta) e pela Estrada Velha (atual Estrada das Lágrimas). A Figueira das Lágrimas, que deu um novo nome à estrada, é um marco paisagístico histórico, hoje patrimonializado, que representava o "fim" da cidade de São Paulo para os paulistanos. A árvore era tradicionalmente o ponto de despedidas de familiares dos viajantes paulistas e início dos caminhos rumos ao litoral (D'ELBOUX, 2018). As cartografias do começo do século xx também reforçam o caráter limítrofe dessa porção da cidade de São Paulo. O Sacomã, quando representado, figura nos cantos dos mapas, às vezes



**FIG. 3:**

À esquerda, a cartografia de 1935, mostrando a região do Sacomã e a presença do conjunto de "sobrados e armazéns". À direita, trecho de planta da cidade de São Paulo de 1916.

Fontes: ACERVO DO MUSEU PAULISTA, 1935; ARQUIVO HISTÓRICO PREFEITURA DE SÃO PAULO, 1916.

disputando espaços com a legenda e as margens, nem sempre com o traçado de ruas totalmente representado, demarcando os limites geográficos da cidade passíveis de representação pela cartografia, segundo as instituições que fomentaram a confecção destes mapas (FIG. 3).

## 2. NARRATIVA E HISTÓRIA DA CIDADE

A primeira operação proposta consistiu em elaborar uma narrativa histórica apoiada em fontes de diversas naturezas. Pode-se dizer que duas razões principais levaram a uma reflexão mais aprofundada sobre esse fazer histórico, exigindo uma ampliação de noções envolvidas nos termos "história", "documento" e "discurso". A primeira foi o caráter não textual da maioria das fontes da pesquisa. A cartografia foi a principal fonte de informação sobre a região, exigindo um olhar específico que lhe conferisse o poder de fonte histórica, com toda as possibilidades de reflexão que ela apresenta a partir de sua natureza.

Refletir sobre o papel alargado das fontes históricas utilizadas (iconografia, bibliografia — aqui também tratada como fonte primária —, e cartografia), na gama de possibilidades que cada uma oferece, deu outras perspectivas a essa operação. Le Goff (2010) traz um detalhado percurso de enfrentamento dos documentos, textuais e não textuais, e defende o alargamento da noção de "documento", o que amplia o trabalho dos historiadores para uma atuação mais crítica e atualizada.

A segunda razão foi o desejo de construir uma narrativa aberta, que apresentasse os elementos históricos de forma coesa, mas não absoluta. Mais do que catalogados, os elementos constitutivos da paisagem, da funcionalidade da cidade, dos caminhos urbanos, foram reorganizados em uma estrutura narrativa que se confunde com uma colagem, dando menos atenção a uma estrita ordem cronológica dos acontecimentos — e tampouco ao esgotamento deles, numa ideia de passado uniforme e absoluto — e permitindo a inserção de novos marcadores, na medida em que se apresentam novas fontes, novos elementos, novos grupos sociais que colaborem para essa expansão.

Para além da identificação de elementos específicos do recorte espacial estudado pela pesquisa, a reflexão sobre essa narrativa-colagem aberta retoma também o reconhecimento de caminhos comuns a diversas regiões e grupos sociais na história de São Paulo. A inserção dos industriais franceses na cena de expansão da cidade e no mercado de produção imobiliária, e os reflexos no desenvolvimento dos bairros do Sacomã, são exemplos dessa justaposição entre acontecimentos gerais e específicos. Este caminho de investimento na terra urbana está retratado também por Gennari (2005), que descreve situações similares, em bairros mais centrais de São Paulo, como Brás e Moóca.

A busca por esse modelo de narrativa ganhou dimensão ao longo da pesquisa quando se percebeu a ausência do Sacomã

e a falta de sua autonomia como região destacada e reconhecida na historiografia da cidade. Como contraexemplo, no caderno de bairro do Ipiranga, publicado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, em 1979, assinala-se um movimento de destaque desse bairro em relação aos seus vizinhos (BARRO; BACELLI, 1979); uma região que fazia parte da paisagem paulistana antes mesmo da construção do edifício e do monumento dedicado à Independência (hoje o Museu Paulista), ao final do século XIX, pois era rota dos viajantes que buscavam as estradas para o litoral.

Pode-se afirmar com pouca margem de contestação que o local, durante os séculos XVI, XVII, XVIII e metade do XIX, para o paulista de então, era uma região obscura que medeava entre o Cambuci, que ele conhecia bem por suas frondosas chácaras e São Bernardo, com um núcleo de influência razoável. Jabaquara e Santo Amaro, importantes centros minerais, de um lado, e a várzea sempre inundada dos rios Tamandateí — Ipiranga e Cupecê —, de outro, completavam o contorno. Portanto, toda a vasta região entre esses pontos era para ele praticamente ignota, apesar de obrigatoriamente palmilhá-la para chegar a Santos. (BARRO; BACELLI, 1979, p.16).

Nesse trecho, é interessante perceber que o destacamento do Ipiranga, ou seja, a constituição de uma área reconhecida em unidade, se deu também pela aproximação com os elementos econômicos, políticos e sociais da cidade como um todo. Ou seja, para além das especificidades, interessa também a forma como os paulistanos reconheciam e frequentavam os diversos lugares da cidade. A construção da autonomia de uma área específica depende dos elementos regionais, mas também dos movimentos que constituem a história da cidade e dos cidadãos como um todo.

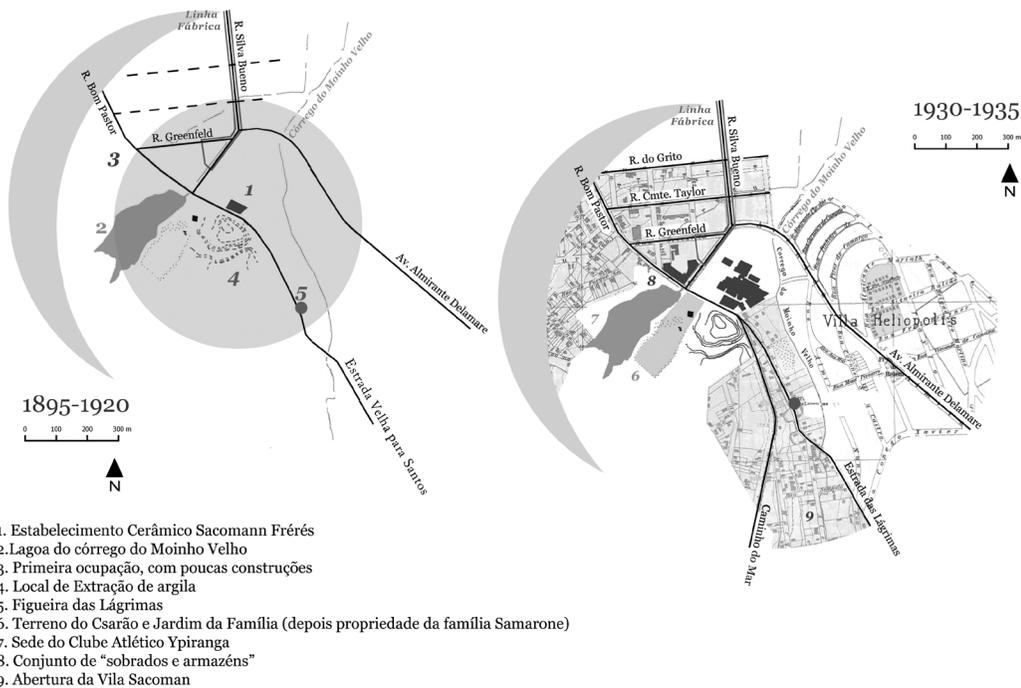
### **3. CARTOGRAFIA: A FERRAMENTA DO ATLAS**

O conjunto de fontes cartográficas engloba as plantas oficiais da cidade de São Paulo, extraídas dos Mapas

Digitais da Cidade e do Arquivo Histórico Municipal. A cartografia em menor escala é proveniente, em sua maioria, do acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, também conhecido como Museu do Ipiranga, que possui uma importante coleção de plantas de demarcações de terras, arrendamentos e loteamentos da região. A disponibilidade destes acervos possibilitou a escolha da cartografia como fonte histórica principal dessa pesquisa. Contudo, os mapas foram também um produto dessa operação narrativa-colagem. Esse caminho de transformação — da matéria prima até a confecção do conjunto de mapas, que apresentam diferentes momentos históricos no Sacomã — ilustra o potencial da contribuição da cartografia à pesquisa histórica, aliada a novas ferramentas e ao pensamento crítico documental. Sobre isto, Santos escreve:

Partindo do uso dessas fontes visuais — fotografias, pinturas, desenhos, mapas e outros — como documentos históricos em oposição a seu caráter ilustrativo, entendemos que também as novas formas de manipulação da cartografia devem ser utilizadas como possibilidades de reflexão sobre o território e não apenas como formas gráficas de representação de informações históricas no espaço. O processo de análise, mapeamento e espacialização de dados históricos, portanto, não deve apenas complementar a investigação ou sobrepor-se a ela, e sim fazer parte da argumentação da pesquisa. (SANTOS, 2016, p.75).

Em paralelo às fontes históricas de outras naturezas, a análise histórica e cartográfica do Sacomã resultou em um conjunto de mapas, um produto semelhante a um atlas. Logo, se houve uma investigação para que a "narrativa-colagem" fosse construída a partir de conceitos mais amplos, para que as fontes fossem tratadas em seu caráter documental alargado, era preciso também investigar a nova ferramenta que resultou desse processo. Nesse sentido, Trevisan (2018)<sup>9</sup> ressalta, ao discorrer sobre o atlas, a potência das formas visuais do conhecimento construído a



**FIG. 4:**

Imagem elaborada a partir das cartografias: Comissão Geographica e Geológica (1914), Sara Brasil (1930), Vasp Cruzeiro (1954), Geosampa (2017)

Fontes: ARQUIVO HISTÓRICO PREFEITURA DE SÃO PAULO. Editados pelo autor, 2019.

partir da sobreposição de diferentes tempos históricos, o que ele dá o nome de "heterocronia", abrindo caminhos tanto para uma utilização objetiva — na busca de informação —, quanto para uma operação imaginativa — com um olhar mais ampliado sobre o conteúdo ilustrado.

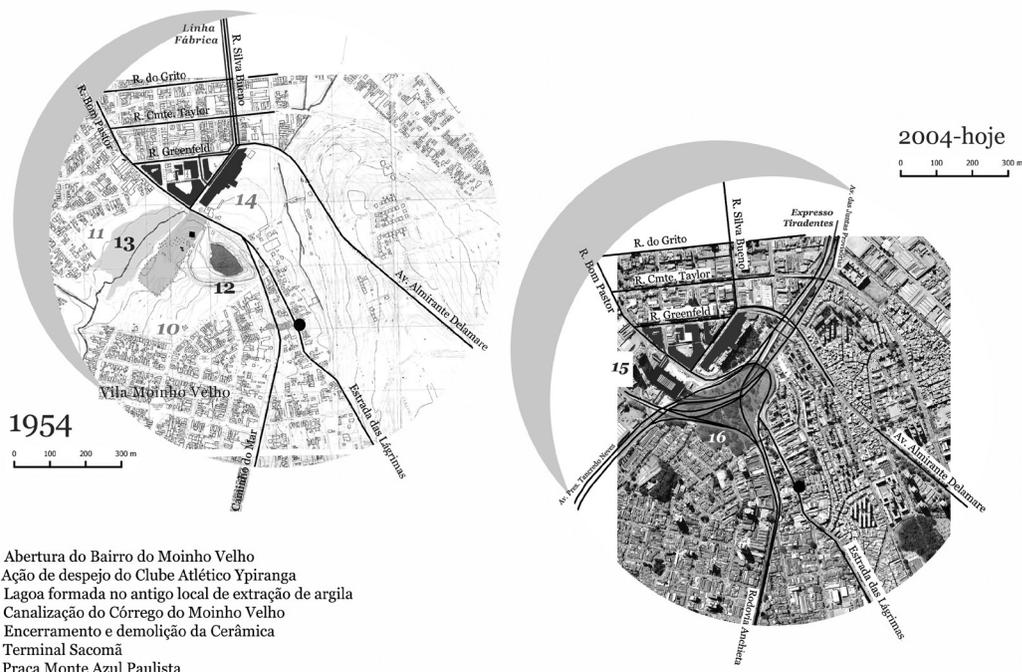
O atlas proporciona a obtenção do conhecimento pela imaginação. Imaginação presente no conhecimento transversal, no processo de montagem, desmontagem e remontagem. O atlas, portanto, não é um simples arquivo, mas uma ferramenta. [...] Uma ferramenta anacrônica ao admitir e trabalhar tempos heterogêneos. Uma ferramenta potencializadora de se ver e ler o tempo. (TREVISAN, 2018, p.59).

A cartografia enquanto fonte histórica foi uma importante matéria prima da pesquisa, por assim dizer. Mas só quando transformada em ferramenta, no atlas, pôde estruturar todo o processo de leitura das outras fontes, de uma forma a contribuir com o discurso de uma narrativa

para o Sacomã que fosse organizada, mas aberta a novas inserções; heterogênea, mas mantendo coesão entre seus elementos, determinada pelos marcadores sociais que a pesquisa indicava.

#### 4. RELATOS E O TEMA DA MEMÓRIA

Na segunda operação, relativa à memória e aos depoimentos, os textos de Halbwachs (1990), Bosi (2015) e Meneses (1992) apoiaram a construção da narrativa com o uso da memória, no sentido de conferir instâncias mais gerais (nacionais) ou mais específicas (individuais) aos fatos rememorados. A "subordinação da memória às dinâmicas sociais" (MENESES, 1992, p.11), retoma a dimensão social da memória (HALBWACHS, 1990), bem como a atuação conjunta entre memória coletiva e individual no trabalho da rememoração. A partir desta subordinação, os textos também convergem na ressignificação da memória como uma ação do presente, que dispõe dos "materiais de nossa consciência atual" (BOSI, 2015, p.17) ou dos "incentivos



- 10. Abertura do Bairro do Moinho Velho
- 11. Ação de despejo do Clube Atlético Ypiranga
- 12. Lagoa formada no antigo local de extração de argila
- 13. Canalização do Córrego do Moinho Velho
- 14. Encerramento e demolição da Cerâmica
- 15. Terminal Sacomã
- 16. Praça Monte Azul Paulista

**FIG. 5:**

Imagem elaborada a partir das cartografias: Comissão Geographica e Geológica (1914), Sara Brasil (1930), Vasp Cruzeiro (1954), Geosampa (2017)

Fontes: ARQUIVO HISTÓRICO PREFEITURA DE SÃO PAULO. Editados pelo autor, 2019.

e condições” (MENESES, 1992, p.11) do presente, para formular as lembranças.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 2015, p.17).

Dessa forma, para a organização das entrevistas no formato em que se consolidaram, foi fundamental a ideia de memória como trabalho, levantada por Bosi (2015), em 1979. A partir de Halbwachs, a autora rompe com a figura da memória onírica, particular de cada sujeito, e a coloca na categoria de “labor”, submetido às condições sociais em que a pessoa está inserida. Seu trabalho, que envolvia especialmente memórias de idosos,

constrói um paralelo com o “liame vivo das gerações” (HALBWACHS, 1990, p.65), pelo qual os idosos recebem da sociedade a função social da memória no momento em que perdem a função do trabalho profissional. Para Bosi, essa função não é característica de todas as sociedades, ou melhor, “os graus de expectativa ou de exigência não são os mesmos em toda parte” (BOSI, 2015, p.24), mas há que se admitir que estes indivíduos, de maneira geral, no momento em que superam a idade adulta, passam a se dedicar menos à profissão e mais à rememoração e transmissão dos fatos.

Assim como nas entrevistas de Bosi, o rol de entrevistados não deriva de uma busca estatística de amostragem, nem se preocupa com as lacunas dos depoimentos. A seleção do conjunto de cinco agentes surgiu de uma rede de relações entre eles, levando em consideração os marcadores sociais que organizaram o trabalho nessa segunda operação: propriedade, trabalho, transporte, lazer, esporte, entre outros. Cada uma das entrevistas foi estabelecida de uma forma diferente,



**FIG. 6:**

À esquerda, o conjunto de "sobrados e armazéns"; à direita, a Figueira das Lágrimas. Ambos os elementos estão protegidos na instância municipal de São Paulo.

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019.

com questionamentos direcionados, ora sozinhos, ora em par, com o auxílio da iconografia ou perguntas pré-selecionadas, com a intenção de oferecer condições diferenciadas para a realização desse trabalho de rememoração.

O entrelaçamento entre esses textos revela um diálogo extenso sobre a temática da memória, nem sempre com termos e conceitos perfeitamente definidos. Para o historiador francês Pierre Nora, essa temática ganhou ainda mais fôlego nas últimas décadas. O interesse na memória parte do sentimento geral de sua perda, ou seja, das tradições, das transmissões de conhecimento. De fato, a valorização da temática trouxe à tona a necessidade de uma nova sistematização, aquilo que Meneses chama de "gestão da memória" (1992, p.19). Ao ler Nora, entretanto, ele vê pontos positivos no crescente interesse pela memória, uma vez que, se cada um de nós é "historiador de si mesmo" (NORA, 1993, p.17), novos grupos sociais, antes excluídos, poderão agora estudar e consolidar suas identidades, inclusive nos circuitos oficiais.

## 5. OUTRA OPERAÇÃO

Mais do que construir uma história de um bairro tradicional de São Paulo, o trabalho

foi um exercício de enxergar o passado dessa região da cidade por mais de uma ótica. As operações são distintas e podem se preencher ou se contradizer, pois "dar conta" de todos os processos não era o objetivo. Coexistindo e se ampliando, esses olhares sobre o passado imprimem complexidade ao tema da pesquisa histórica, que pode trazer consigo os diversos grupos, os marcadores sociais, as identidades e, por fim, a autonomia e inserção de uma região na história da cidade. Se o desejo é dar profundidade e trazer novas informações para serem trabalhadas em conjunto, é possível desenhar outras operações para inseri-las nessa justaposição.

Na realização do trabalho, optou-se pela indicação de um projeto expositivo sobre o Sacomã. A narrativa-colagem e os depoimentos foram reordenados em uma nova estrutura, pois a função desse novo projeto não era apenas apresentar as informações coletadas à sociedade, mas instigar novas discussões a partir dos elementos históricos da região.

A exposição também trataria da preservação patrimonial. No Sacomã, essa temática levanta mais uma série de questões, comuns a outras regiões da cidade. Primeiramente, por conta dos discursos utilizados para sustentar os dois tombamentos identificados no

recorte espacial da pesquisa. De fato, os instrumentos do patrimônio conseguiram, por esses bens, captar os elementos remanescentes mais significativos da paisagem — Figueira das Lágrimas<sup>10</sup> e o conjunto de sobrados e armazéns<sup>11</sup> —, se levarmos em conta a potencial contribuição que estes bens dão à narrativa desta área da cidade. Entretanto, a falta de justificativas mais aprofundadas para a sua proteção — que em ambos os textos da lei permanecem no nível estético, arquitetônico ou paisagístico — não colabora para um discurso historiográfico interessante, que confira ao patrimônio o poder de organizar o pensamento sobre esta região da cidade. Além disso, os tombamentos trazem à tona outros conflitos<sup>12</sup>, que tensionam as questões recorrentes de gestão pública e propriedade da terra urbana, exigindo um discurso mais objetivo de suas motivações.

Por fim, o projeto idealizou uma exposição construída de maneira conjunta e interativa, com um novo canal de entrevistas que propõe o exercício de novos diálogos. De certa forma, isso poderia ampliar a discussão identitária, agora também dentro do campo do patrimônio, propícia para o desenvolvimento desse discurso mais autônomo e aprofundado de um lugar na cidade, englobando seus diversos grupos sociais e seus referenciais. De fato, nesse novo campo se encontra um novo espaço para a colocação desses discursos, para o questionamento dos sentidos da patrimonialização de bens históricos no Sacomã.

## 6. CONSIDERAÇÕES

A possibilidade de diferentes caminhos para o entendimento do passado da cidade foi o que estruturou este estudo sobre o Sacomã. Essa forma de construir o pensamento permitiu que a pesquisa fosse permeada por algumas reflexões sobre temáticas relevantes no estudo da urbanização paulistana — memória, fontes históricas, produção urbana, entre outras —, que sintonizam as atividades do trabalho. Ou seja, do estudo de um lugar específico na cidade, caminhando por operações diferentes, seja pela narrativa histórica, seja pela coleta de depoimentos,

foi possível chegar em temas relevantes para a cidade como um todo.

Vale reafirmar que a justaposição de ambas as atividades não é mera verificação de fatos e relatos, nem um preenchimento de lacunas históricas. O objetivo não é um conhecimento absoluto da informação histórica, mas uma organização de conceitos e discursos, registrando marcadores e grupos sociais de uma área na cidade de São Paulo, que por vezes, não são identificados a partir de um único olhar investigativo.

Neste artigo, apresentar a trajetória do TFG "Azul Terracota: urbanização, narrativa e memória no Sacomã" como um processo ainda em construção, tem o sentido de dar continuidade ao estudo da cidade e de suas temáticas, ampliando os marcadores e os grupos sociais envolvidos, para alargar o registro da pesquisa, a partir do diálogo alimentado pelo trabalho de pesquisa histórica. O diagrama de sobreposições se tornará mais complexo e enriquecido se este artigo puder iluminar alguns caminhos para outros textos sobre outras partes da cidade, no contexto de sua produção, mesmo que as operações eleitas se orientem por atividades completamente distintas.

---

## NOTAS

1. Termo emprestado do historiador francês Jacques Le Goff (2010), usado pontualmente para discorrer sobre as ações que envolvem as atividades tanto da memória, quanto da ciência histórica; e de Ulpiano B. de Meneses (1992), quando se quer precisar os limites entre ambas.
2. Distrito pertencente à Subprefeitura do Ipiranga, região sul do município de São Paulo, que faz divisa com a região do ABC Paulista. Abriga pouco mais de 230 mil habitantes (IBGE, 2010), em uma área de 14km<sup>2</sup>. As legislações mais antigas do município de São Paulo apresentavam uma única região administrativa do Ipiranga. Apenas em 1991 ocorre uma subdivisão e são criados os distritos do Cursino e do Sacomã, de acordo com o Decreto Lei Municipal nº 10.932 de 15/01/1991.
3. Lemos (1989) também destaca a produção cerâmica às margens dos rios Pinheiros e Tietê, notando as pequenas olarias, espalhadas pela cidade. Ele assinala que estas eram fortes competidoras para os grandes estabelecimentos que apareceram na virada do século xx, devido ao fator logístico de proximidade e capilaridade, facilitando o fornecimento de produtos para obras em diversos pontos de São Paulo.
4. Bertelli (2009) fala em "edifício-mostruário" ao se referir ao casarão da família, construído nos arredores da cerâmica, que exibia telhas, tijolos e diversos outros produtos fabricados pelos franceses. Há um anúncio publicado posteriormente no Correio da Manhã, no dia 21 de agosto de 1954, que mostra o casarão ao lado de outros edifícios construídos com esses produtos, como a Estação da Luz. A casa foi demolida em 1969, segundo reportagem da Folha de S. Paulo, do dia 11 de março de 1966.

5. Segundo um anúncio publicado no Correio da Manhã em agosto de 1954, o moinho que deu nome à região do Moinho Velho era utilizado justamente para a produção cerâmica. Além disso, na cartografia da Comissão Geographica e Geológica de 1914, a área do Sacomã está nomeada como "Moinhos" (CUCONATO, 2019).
6. Informação extraída do site oficial do Clube Atlético Ypiranga. Disponível em: <www.cay.com.br/historia>. Acesso em: out. 2019.
7. É possível dizer que o terreno "permaneceu vazio" apenas do ponto de vista dos usos formais da cidade. O relato de um dos entrevistados durante a elaboração do TFG indica que o terreno foi ocupado, nas últimas décadas do século XX, por moradias e comércios, provavelmente informais, todos desapropriados no início das obras o Terminal Sacomã. (CUCONATO, 2019, p.126-129).
8. O conceito de "ponto nodal" foi extraído do livro "A imagem da cidade" (1960), de Kevin Lynch. Para Lynch (2011), são os locais onde o transeunte, ou seja, o indivíduo de passagem, decide o seu caminho na cidade, redobrando sua atenção. A hipótese levantada no TFG, a partir deste conceito, foi de que o passageiro ou pedestre deixa de ser um coadjuvante na formação das memórias acerca de uma área da cidade, e passa a ser um sujeito atuante nesse processo, assim como os moradores e comerciantes (CUCONATO, 2019, p.54-55).
9. Com a oportunidade de organizar um "Atlas sobre as cidades novas brasileiras", Trevisan (2018) conta em seu artigo o percurso de sua reflexão sobre essa ferramenta, traçando um histórico desde o Renascimento, chegando em um modelo que abriria novas possibilidades a partir do pensamento visual cartográfico.
10. Figueira das Lágrimas foi tombada pelo Decreto nº 30.443, de 20 de setembro de 1989.
11. Resolução 14/2018 do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), de 2018.
12. D'Elboux (2018) mostra o descaso da gestão pública com relação à manutenção do espaço da Figueira das Lágrimas, mesmo que a sua importância histórica já tivesse levantado o desejo de vários paulistanos pela sua preservação, ao longo de todo século XX.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO MUSEU PAULISTA. **Planta de terrenos no Ipiranga adquiridos pelos Srs. Américo Sammarone e Olavo Tavares Paes**. 1935. Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta\_de\_Terrenos\_no\_Ipiranga\_Aquiridos\_pelos\_Srs\_Am%C3%A9rico\_Sammarone\_e\_Olavo\_Tavares\_Paes\_-\_1\_-\_Acervo\_do\_Museu\_Paulista\_da\_USP.jpg> Acesso em: out. 2019.
- ARQUIVO HISTÓRICO PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Planta da cidade de São Paulo levantada pela Divisão Cadastral da segunda Seção de Obras e Viação da Prefeitura Municipal**. 1916. Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo, São Paulo.
- BARRO, M.; BACELLI, R. **Ipiranga**. História dos Bairros de São Paulo, v.14. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1979.
- BELLINGIERI, J. C. **A indústria cerâmica em São Paulo**: estudo sobre as empresas fabricantes de filtros de água em Jaboticabal-SP, 1920-2004. 2004. Dissertação (Mestrado em História Econômica) — Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.
- \_\_\_\_\_. As origens da indústria cerâmica em São Paulo. **Cerâmica Industrial**, São Paulo, v.10, n.3, p.19-23, 2005. Disponível em: <www.ceramicaindustrial.org.br/journal/ci/article/587657237f8c9d6e028b46d1>. Acesso em: out. 2019.
- BERTELLI, Luiz G. Os irmãos Saccoman e a indústria cerâmica em São Paulo. **Revista do Historiador**, São

Paulo, ano XXI, n.145, 2009. Disponível em: <issuu.com/andrebrazaio/docs/aph\_145\_baixa>. Acesso em: out. 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos [1979]. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CORREIO DA MANHÃ. **Os Irmãos Sacoman**.

Disponível em: <memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842\_06&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=39303>. Acesso em: nov. 2018.

CUCONATO, Mateus M. **Azul Terracota: urbanização, narrativa e memória no Sacomã**. 2019. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

D'ELBOUX, Roseli M. Martins. Nos caminhos da história urbana, a presença das figueiras-bravas. **Anais do Museu Paulista [online]**, São Paulo, v.26, p.1-23, 2018.

FERNANDES, Sílvia M. de Carvalho. **Os impactos do Expresso Tiradentes na Rua Silva Bueno**. As ações e reações do comércio frente às mudanças no transporte público. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Bela e Tentadora de dia mas tenebrosa à noite, Lagoa do Sacomã já matou 44**. 12 ago. 1960. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=191&keyword=SACOMA&anchor=4501222&origem=busca&originURL=&pd=595a26234ace6423a1ecd92675a7b963>. Acesso em: out. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Está sendo demolido o casarão do Comendador Sammaroni no Sacomã**. 11 mar. 1969. Disponível em: <acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=3229&anchor=4457964&pd=dc9a95d2aef382165b15d82cbd873ed8>. Acesso em: nov. 2018.

GENNARI, Luciana Alem. **As casas em série do Brás e da Mooca**: um aspecto da constituição da cidade de São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. [1968] Trad. Laurent L. Shaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. **Censo demográfico — Sinopse por Setores**. 2010. Disponível em: <censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/tooltip/tooltip.htm?codigo=355030868000305> Acesso em: set. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

LEMOES, Carlos A. C. **Alvenaria burguesa**: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1989.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade** [1960]. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MENESES, Ulpiano T. B. de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.34, p.9-24, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara A. Khoury. **Projeto História** — Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História da PUC-SP, São Paulo, v.10, p.7-28, dez. 1973.

PEREIRA, José H. Martins. **As fábricas paulistas de louça doméstica**: estudo de tipologias arquitetônicas na área de patrimônio industrial. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SALLA, Natália M. **Produzir para construir**: a indústria cerâmica paulistana no período da primeira república (1889-1930). 2014. Dissertação (Mestrado em História Econômica) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SANTOS, Amália Cristóvão dos. A América Portuguesa sob as luzes do scanner: arquivos, reprodução e

manipulação digital da cartografia histórica. **Anais do Museu Paulista [online]**, São Paulo, v.24, n.3, p.71-98, 2016.

TREVISAN, Ricardo. Pensar por Atlas. In: JACQUES, Paola B.; PEREIRA, Margareth da S. (org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: Tomo I — modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. p.48-69.

---

## **SOBRE O AUTOR**

Arquiteto e urbanista graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2019.

mmcmateus@gmail.com